



CARTA DO MINISTRO GERAL  
ÀS IRMÃS POBRES POR OCASIÃO DA SOLENIDADE  
DA MÃE SANTA CLARA 2022

# GRATAS HOJE PELO DOM DA VOSSA VOCAÇÃO!

Caras Irmãs,  
o Senhor vos dê paz!

A solenidade da mãe Santa Clara retorna neste ano marcada, não apenas pela pandemia, mas também pela guerra na Ucrânia e por outras formas de conflito, de tensão social e de crise climática e econômica em tantos países do mundo, onde vós, irmãs pobres, e nós frades estamos presentes e vivemos a nossa vocação e eleição.

Por isso, também neste ano, somos interpelados a perguntar-nos novamente qual é o centro da nossa vocação e como esse pode irradiar luz e esperança neste tempo difícil.

Em vista disso, fiz voltar à memória, por meio de uma leitura orante, o Testamento de Santa Clara, e quero colher convosco algumas passagens que, a meu ver, ajudam-nos a dizer uma palavra importante na busca por um ponto de síntese, capaz de proporcionar-nos uma unificação dos muitos elementos constitutivos da vocação e eleição recebida. Parece-me que este ponto pode sintetizar-se assim: “ter cuidado”, viver, portanto, com vigilância e atenção ao dom recebido, deixá-lo crescer para o bem da Igreja, peregrina entre os seres humanos.



No Testamento, Clara dá-nos algumas palavras para esse “ter cuidado”.

*«Entre outros benefícios que temos recebido e ainda receberemos diariamente da generosidade do Pai de toda misericórdia (cf. 2 Cor 1, 3) e pelos quais temos que agradecer ao glorioso Pai de Cristo, está a nossa vocação que, quanto maior e mais perfeita, mais a Ele é devida. ».* (TestC 2-3)

Clara expressa ao Pai, por intermédio de Francisco, a gratidão por sua vocação, que acolhe com as suas irmãs como um dom que vem do alto.

Pergunto-me convosco o quanto esta consciência acerca do dom recebido e que deve ser restituído ao Pai, mediante uma vida de misericórdia e de alegria, esteja viva em nós. Nas diferentes realidades em que vivemos, naquelas que têm o dom de vocações e naquelas que não o têm, nas situações mais tranquilas e naquelas mais tensas a nível social, onde as repercussões de uma mudança cultural de mentalidade atingem-nos, estamos conscientes que respondemos a um dom recebido, que não nos damos, mas que acolhemos e que somos chamados a acolher e a restituir na gratidão e na alegria? É esta disponibilidade que nos abre o caminho para que a nossa vocação permaneça viva e fecunda hoje.

*«Depois que o Altíssimo Pai celestial, por sua misericórdia e graça, dignou-se iluminar meu coração para fazer penitência segundo o exemplo e ensino de nosso bem-aventurado pai Francisco (...), como o Senhor nos concedera pela luz da sua graça através da vida admirável e do ensinamento dele».* (TestC 24;26)

Clara fala de uma “iluminação do coração”, que recebeu do Pai, e de uma “inspiração” que nela amadureceu mediante o exemplo e a palavra do pai São Francisco: esses dois elementos, essenciais em cada vocação, devem ser custodiados durante toda a vida. Vocação é dom, mas não simplesmente dado, uma vez por todas, mas que cresce por meio de um cuidado constante. Daí necessitarmos expor-nos continuamente à presença e à palavra do Senhor para receber esta iluminação do coração, sob cuja luz podemos reconhecer a verdade da vida a que somos chamados, a inspiração que a move. Ter cuidado quer dizer custodiar a presença e a voz do Espírito do Senhor em nós, permanecer atentos aos caminhos que temos de percorrer para viver hoje, de modo dinâmico, a nossa vocação.

Aprendamos a cuidar da luz e da inspiração que o Senhor não cessa de semear abundantemente entre nós. Não reduzamos o carisma e a vocação a uma série de regras a serem observadas ou a uma mudança contínua de modalidades e expressões, porque o cuidado pede fidelidade, atenção, crescimento em profundidade, nutrimento das raízes.

*«Depois, escreveu para nós uma forma de vida, principalmente para que perseverássemos sempre na santa pobreza (...), para que depois de sua morte não nos desviássemos dela de modo algum, como o Filho de Deus, enquanto viveu neste mundo, não quis jamais afastar-se da santa pobreza ».* (TestC 33-34 )

Nesta passagem do Testamento, Clara reúne o coração da sua vocação no «seguir a vida e a pobreza de nosso altíssimo Senhor Jesus Cristo e de sua Mãe santíssima» (RSC VI,7), e Francisco foi claro ao indicar este caminho aos irmãos e às irmãs. Na linguagem de Francisco e de Clara, isso significa, sabemos-lo bem, seguir o movimento da encarnação, na qual o Filho de Deus humilhou-se, e o movimento da Paixão, aquele do amor que se inclina para lavar os pés. Esta pobreza do Filho de Deus toma forma na escolha de uma vida que renuncia às garantias de rendas e seguranças mundanas, para manter-se como peregrinas e forasteiras mesmo no reduzido espaço de um mosteiro. Um caminho radical de expropriação, nos passos d'Aquele que escolheu viver sem nada de próprio, renunciando a ser até mesmo como Deus, para entregar-se totalmente e com confiança ao amor do Pai. Ter cuidado dessa pobreza, no movimento profundo do amor, pode levar a escolhas muito fortes, capazes de deixar garantias e seguranças. Parece-me que isso signifique redescobrir ainda o trabalho como fonte de sustento, compartilhar a vida de muitos que não têm garantias – e não por escolha deles –, rever a relação com tudo o que nos dá garantia, principalmente o dinheiro. Esta é a alternativa evangélica às muitas garantias que com frequência buscamos. Clara foi uma mulher livre, não teve medo de confiar, de ficar mesmo sem pão, a fim de experimentar a providência e o cuidado que o Senhor tinha por ela e por suas irmãs. Recebemos este cuidado e, por isso, podemos aprender a cuidar também da nossa vocação. Essa tarefa do cuidado cabe também a nós, vossos irmãos, e vós nos recordais disso.

Clara confia esta custódia à Igreja, a Francisco e aos seus sucessores. Ela sabe que sozinha, que as irmãs sozinhas não podem custodiar um dom assim tão grande. E, ao mesmo tempo, nós, vossos irmãos, não podemos fazê-lo sozinhos, porque necessitamos de uma pertença maior que é aquela à Igreja, Povo de Deus, e também à nossa família toda inteira. Considero, por isso, o quanto seja importante para a custódia da vossa vocação e pobreza a pertença à Ordem, a comunhão com as outras irmãs por meio da federação e também através da Ordem compreendida em sua inteireza.

Ninguém se salva sozinho, somos interconectados, como a Laudato sii do Papa Francisco diz-nos de modo muito claro, e tudo isso é nomeado





de custódia e de cuidado pelo dom mais precioso que temos, aquele da nossa vocação e eleição.

Este cuidado do dom da nossa vocação refere-se não somente a nós hoje, como diz Clara, inclui também as irmãs que virão. A vocação é um dom que recebemos não somente para nós, durante os poucos anos que nos são dados, nem somente para este ou aquele mosteiro. É um dom que nos precedeu e que viverá mesmo depois de nós e não está vinculado às paredes de um edifício ou a uma comunidade, mas sim à forma de vida. Nos dias de hoje, em que muitos mosteiros têm de fechar suas portas, muitas vezes após séculos: tenhamos confiança! Confiemos no Pai das misericórdias que se mantém fiel. O dom da vocação está vivo, e também todo o bem realizado pela comunidade permanecerá mesmo depois que essa deixe de existir, e viverá com e nas outras irmãs. Basta pensar nos mosteiros que são abertos e florescem em muitos países do mundo: a nossa vocação está viva!

Quanta liberdade nos é doada nessa abertura do coração, o quanto ensina-nos a viver sem nada de próprio e a restituir ao Pai tudo que temos recebido!

*«E amando-vos umas às outras com a caridade de Cristo, demonstrai por fora, por meio das boas obras, o amor que tendes dentro, para que, provocadas por esse exemplo, as Irmãs cresçam sempre no amor de Deus e na mútua caridade».* (TestC 59-60)

Clara indica às irmãs a via do amor e do cuidado recíproco como a estrada apropriada para custodiar-se o dom da vocação e eleição. Vós viveis, caras irmãs, uma realidade muito forte e concreta de fraternidade. Compartilhais tudo durante uma vida inteira, aprendeis a conhecer-vos e a participar da vida, da busca e do cotidiano de cada uma das irmãs. A esse respeito, vós tendes muito a ensinar-nos! Este amor fraterno tem de ser custodiado, porque a sua raiz é teologal e não se reduz a uma humana simpatia ou afinidade. Este amor é feito de gestos concretos, de cuidado e de custódia cotidiana e, hoje, de modo especial, solicita de nós a atenção à vivência humana, afetiva e espiritual de cada



uma das irmãs. Estamos muito mais conscientes hoje acerca da complexidade que compõe o ser humano e, por isso, sabemos que somos chamados a cuidar de toda a pessoa, na sua integridade. Isso aplica-se ao tempo da formação inicial e, especialmente, ao longo de todo o caminho que cada irmã vive, nas diferentes idades da vida, e que afeta o caminho de cada mosteiro.

Chegando à conclusão do que desejei dizer-vos este ano, retomo as palavras de Clara, que rematam o Testamento e que compõem-se enquanto uma oração e uma admoestação. Na oração, confiamos, com Clara, tudo ao Pai do Nosso Senhor Jesus, mediante a Virgem Maria, forma da vida das Irmãs Pobres, com o olhar voltado para Francisco, que continua a custodiar a vossa vocação. Nessa gratidão, Clara admoesta-nos a crescer e a perseverar no bem, a permanecer, portanto, abertos e atuantes na resposta à nossa vocação. Sabemos bem que toda vida e, portanto, também a vida segundo o Espírito e de nossa vocação, se não cresce, paralisa e morre. O cuidado que aprendemos a cultivar um em relação ao outro proporciona justamente que todos respondamos com vitalidade, de acordo com a vontade de Deus, ao bem mais precioso que recebemos, aquele da nossa vocação e eleição.

E manter-se nesse caminho, julgo ser o modo mais verdadeiro para atravessar este tempo difícil, onde tudo parece entrar em colapso e exterminar o futuro. Clara convida-nos, em vez disso, a olhar em frente, a não parar. Na medida em que crescemos nesta esperança, tornamo-nos fermento no mundo, que necessita dessa esperança mais do que nunca.

Com esta oração e a bênção da própria Santa Clara, deixo-vos e desejo que vivais a festa dela de modo luminoso e intenso, contando com sua poderosa intercessão, junto do Pai, pela Igreja, pelo mundo, pela paz, por nossa família que tanto necessita ser confirmada e crescer no dom da sua vocação.

*«Por isso, dobro os joelhos diante do Pai de nosso Senhor Jesus Cristo (cf. Ef 3, 14) para que, pela intercessão dos méritos de sua Mãe, a gloriosa Virgem Santa Maria, de nosso bem-aventurado pai Francisco e de todos os santos, o Senhor que deu o bom começo dê o crescimento (cf. 1Cor 3, 6.7) e também a perseverança até o fim. Amém.» (TestC 77-78).*

Confirmo-vos a minha proximidade e cuidado de irmão, com a minha afetiva saudação e com a bênção de São Francisco.



*Fr. Massimo Fusarelli, ofm*

Frei Massimo Fusarelli, ofm  
Ministro Geral